

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DISCIPLINA DE IMAGINÁRIO E MEMÓRIA  
PROF: CLÁUDIO BAPTISTA CARLE**

**A SOCIEDADE DAS INCONSCIÊNCIAS:  
uma perspectiva Psicossocial e Antropológica**

**Rudinei Telier de Freitas<sup>1</sup>**

**Resumo**

Este ensaio propõe algumas reflexões sobre os conceitos de inconsciente, símbolos, imaginário e cultura, baseando-se nas teorias de Carl Gustav Jung e Gilbert Durand, entendendo os múltiplos aspectos da vida humana, englobando a maneira como as pessoas vivem, se conectam umas com as outras, manifestam suas ideias e valores, suas culturas, além de como percebem e compreendem o mundo ao seu redor e a si mesmas.

O objetivo é pensar uma análise sobre a formação das diversas culturas que compõem a humanidade. Busco compreender o ser humano como um indivíduo inserido em um universo de símbolos e significados que estruturam tanto o Imaginário individual quanto o coletivo, formatando as diversos padrões de culturas.

Falar sobre cultura, não deve ser apenas um exercício de observar e escrever, mas também torna-se importante entender como o “outro” se entende dentro de sua cultura.

**Palavras-chave:**

Arquétipo - Inconsciente coletivo - Símbolo - Simbólico - Imaginário - Imaginação simbólica e imaginação ativa e cultura

---

1 Rudinei Telier de Freitas - aluno da graduação do curso de Antropologia Social da Universidade Federal de Pelotas

## INTRODUÇÃO

Nas aulas da disciplina Teoria Antropológica I: Escola Antropológica Americana, ministrada no curso de Antropologia Social da Universidade Federal de Pelotas, conhecemos a chamada "escola de 1930", que marcava a consolidação da antropologia cultural nos Estados Unidos. Também conhecida como Escola de Padrão e Personalidade, essa corrente foi profundamente influenciada por Franz Boas, tinham o objetivo de desvendar como os padrões culturais atuavam como molduras estruturantes no desenvolvimento da personalidade individual, promovendo uma análise interconectada que abarcava aspectos sociais e psicológicos, revelando formas de compreender as complexas intersecções entre cultura e indivíduo. Na ocasião, interessou-me o estudo multidisciplinar sobre a formação de culturas e a forma de sua assimilação através dos processos de socialização. As leituras sobre as obras dos psicanalistas e psiquiatras Freud, Jung e dos sociólogos Zygmunt Bauman e Florestan Fernandes, passaram a fazer parte de meus estudos, para compreender a diversidade dos grupos sociais, bem como de subgrupos nas sociedades e suas referidas culturas.

Durante uma pesquisa de campo que realizei, junto a crianças na fase pré-adolescente, fui testemunha de uma situação particularmente marcante. Em meio às interações observadas, dois meninos de apenas oito anos, ambos brancos, demonstraram comportamentos preocupantes que incluíram uma tentativa de ação violenta e o uso de expressões racistas e preconceituosas. Estas atitudes foram dirigidas contra duas outras crianças: uma menina branca e um menino negro, sendo necessário, em razão da gravidade da situação, a intervenção imediata dos adultos responsáveis que acompanhavam o grupo no momento da entrevista. Esse episódio me possibilitou uma análise rápida das origens dos problemas, que estavam fortemente vinculadas ao processo de socialização primária das crianças envolvidas. Tratava-se de um grupo que já dava os primeiros passos rumo à vida social fora do recinto familiar, encontrando-se no início de seu convívio nas ruas e na interação com pares em ambientes externos. A socialização primária, como o próprio termo sugere, é aquela que ocorre durante os primeiros estágios da infância e está fundamentada no contexto familiar. Nesse ambiente inicial, a criança tem o primeiro contato com a linguagem e começa a construir sua compreensão das relações sociais mais básicas. É nesse período que ela absorve normas, valores e princípios gerais que influenciarão seus comportamentos futuros. A formação social da criança nesse estágio é crucial, pois são as interações familiares que

moldam sua visão inicial do mundo e das estruturas sociais que o compõem. Esse caso específico mostrou como uma base familiar pode impactar diretamente nas formas como as crianças entendem e reproduzem as dinâmicas sociais ao seu redor, inclusive perpetuando atitudes discriminatórias quando certas crenças ou valores problemáticos são transmitidos entre gerações.

Algumas reflexões me ocorreram, após aquele episódio envolvendo as crianças, algo que, admito, ainda não consegui compreender plenamente e que quase me levou a redirecionar o foco da minha pesquisa, na época. A questão que me inquietou era: os arquétipos seriam para o inconsciente coletivo o que os estereótipos representam para a inconsciência individual? Por exemplo: pais marcados por comportamentos violentos e agressivos, despertaria no imaginário dessas crianças, o arquétipo do herói ou da grande mãe ? Ademais, observar o uso naturalizado de expressões ofensivas e pejorativas por parte delas, e o modo como tais palavras foram empregadas, revelam nitidamente que eram termos com os quais já demonstravam familiaridade no ambiente em que vivem.

Essa exposição, desde tão cedo, poderia, então, ser um dos pilares para moldar culturas impregnadas de racismo, misoginia e preconceito?

Numa abordagem Psicossocial, quando associados a sentimentos, os estereótipos sociais passam a constituir estruturas psicológicas de maior complexidade caracterizadas como atitudes e preconceitos que colonizam o imaginário coletivo.

A compreensão da obra de Carl Jung e a de Gilbert Durand tornam-se importantes fontes de estudos para compreendermos os mecanismos (símbolos e imaginário), para a formatação da diversidade cultural humana. Ao analisar as obras individualmente, somos levados a imaginar uma sociedade moldada por um único padrão cultural, especialmente quando abordam o conceito de inconsciente coletivo.

Ao abordar o conceito de “inconsciente” neste trabalho, com base nas ideias de Jung e Durand, busco destacar como ele influencia, de maneira não perceptível ao nosso consciente, tanto o comportamento quanto as emoções, moldando assim a riqueza da diversidade das culturas humanas, bem como alimentam estereótipos negativos e nocivos perpetuando preconceitos e discriminações.

## **A Psique Humana : Jung X Freud**

Carl Gustav Jung nasceu em 1875, na Suíça, e faleceu em 1961. Ele foi um dos mais estimados colaboradores de Freud, mas rompeu relações com ele em 1914 para desenvolver sua própria teoria, conhecida como psicologia analítica. Ambos entendiam

que a psique humana compreendia a complexa totalidade da mente, englobando tanto os aspectos conscientes quanto aqueles que permanecem no terreno inconsciente, incluindo pensamentos, emoções, memórias e toda uma gama de processos cognitivos. De acordo com os fundamentos estabelecidos pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud, ela opera como uma força impulsionadora essencial, capacitando o indivíduo a interpretar, agir e interagir de forma contínua com o mundo ao seu redor, enquanto se adapta às normas e às dinâmicas da sociedade. Carl Jung e Sigmund Freud analisavam a mente humana em dois níveis principais: o consciente e o inconsciente. No entanto, diferentemente de Freud, Jung atribuía maior relevância a um tipo específico de inconsciente, ao qual ele deu o nome de inconsciente coletivo, considerando-o mais significativo do que as vivências individuais.

Jung sustentava que o inconsciente é a fundação do nosso psiquismo, não um elemento moldado por ele. Tudo o que é psíquico emerge do inconsciente, que está imerso em uma vasta rede de símbolos, significados e elementos sobre os quais nossa consciência não tem controle direto. Essa dinâmica pode ser ilustrada por processos automáticos, como a respiração e a postura corporal. Geralmente, respiramos sem prestar atenção ao ritmo ou à intensidade, de forma inconsciente. Da mesma maneira, nossos gestos corporais, muitas vezes realizados sem perceber, podem transmitir informações valiosas sobre nosso estado emocional e mental para quem nos observa.

Neste exato momento, tudo aquilo que você está pensando, observando, ouvindo, recordando e sentindo, de maneira objetiva, são aspectos que podemos considerar como conscientes. É o ego quem administra esse tipo de vivência, mantendo-se alheio aos processos e elementos que pertencem ao inconsciente. A maneira como percebemos o que chamamos de realidade não se resume a uma mera reprodução do mundo externo, mas representa uma construção ativa da nossa mente, moldada por elementos como vivências anteriores, emoções, expectativas e influências culturais.

Para Jung todas as experiências individuais que foram reprimidos esquecidas como traumas e frustrações também abarca informações que foram apreendidas de forma subliminar ou seja, coisas que aprendemos de forma implícita, e ficam guardadas no inconsciente pessoal, e cada indivíduo tem um inconsciente pessoal único. Algumas das informações que existem nele podem ser lembradas facilmente outras são mais difíceis de lembrar.

Jung acaba postulando que na estruturação da psique, que o inconsciente é subdividido em dois o inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

## **Inconsciência coletiva e pessoal**

O conceito de inconsciente coletivo criado por Carl Gustav Jung, foi descrito como algo que se diferencia do inconsciente pessoal, porque não nasce das experiências de cada um, mas é algo que todos nós temos em comum. Segundo Jung, o inconsciente coletivo funciona como um depósito de experiências e conhecimentos que são herdados e compartilhados por toda a humanidade, independentemente das diferenças culturais ou individuais. Nesse espaço, estão arquétipos e imagens simbólicas que aparecem em várias culturas e sociedades ao redor do mundo.

O conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. Os arquétipos são produtos das experiências coletivas da humanidade e estão codificados no inconsciente coletivo na forma de imagens, pensamentos e símbolos primordiais. Para Jung (1987), os arquétipos desempenham um papel crucial na formação de nossas percepções do mundo ao nosso redor. Ele argumentava que os arquétipos são intensificados em resposta a certas situações ou estímulos e que dão origem a padrões universais de comportamento observados em diferentes culturas e períodos históricos. Para Jung (1987) os símbolos são expressões de conteúdos psíquicos que, em grande parte, transcendem a consciência. Eles são manifestações do inconsciente, muitas vezes reveladas através de sonhos como imagens simbólicas, e não como pensamentos racionais.

Segundo Jung(1987), o inconsciente pessoal, é o nível da psique que contém as memórias reprimidas ou esquecidas de um indivíduo, bem como suas experiências, memórias, crenças e valores pessoais. O inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos.

O inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade.

O inconsciente pessoal reúne lembranças e pensamentos reprimidos ou descartados pelo consciente. Podem ser conflitos pessoais, problemas morais ou pensamentos que causam tristeza... Trata-se, para a abordagem junguiana, de uma área

mais superficial de inconsciente. É lá que ficam informações de experiências às quais, conscientemente, a pessoa pode dar pouca importância, mas que podem servir de base para um sonho na noite seguinte. Representa todo o material inconsciente que foi adquirido em algum momento da vida do indivíduo.

O inconsciente pessoal nos ajuda a abordar o mundo a partir de uma perspectiva única. Por exemplo, uma pessoa que inconscientemente filtra informações de forma mais analítica tem menos probabilidade de ter uma personalidade sentimental como um forte fator determinante em sua personalidade consciente e externa.

### **A teoria do imaginário**

Ao buscarmos uma definição de imaginário, encontraremos a referência como: “a capacidade mental que permite a representação de objetos”. E a de Imaginário coletivo como sendo o conjunto de símbolos, conceitos, memória e imaginação de um grupo de indivíduos.

Gilbert Durand (2002) define o Imaginário como: “o conjunto de imagens e de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo ‘sapiens’ - nos aparece como o grande denominador fundamental onde vêm se arrumar todos os procedimentos do espírito humano.”

A teoria do imaginário desenvolvida por Gilbert Durand defende que o imaginário não se limita a um agrupamento de imagens dispersas, mas sim constitui um sistema organizado e estruturado. Segundo Durand, esse sistema desempenha um papel essencial tanto na compreensão da condição humana quanto na produção de sentido. Ele analisa como os regimes e estruturas do imaginário moldam nossas percepções, impulsionam desejos e orientam ações, funcionando como uma ponte que liga o indivíduo ao contexto social e cultural em que está inserido.

Na medida em que entramos no estudo do símbolo e do imaginário, acessamos os caminhos da linguagem, uma vez que o símbolo como alimento do imaginário, exprime o mundo percebido e vivido pelo sujeito, em função de seu psiquismo e da sua inserção concreta na sociedade e na cultura. A partir da concepção de uma cultura do imaginário estabelecida por Gilbert Durand (2002), a qual consiste em estudar o modo como as imagens são produzidas e transmitidas, o autor propõe pensar o imaginário como um sistema, não como um conjunto de imagens ligadas pelas convenções culturais.

Gilbert Durand (2002) construiu a sua abordagem ao imaginário partindo de sua apreensão e discordância quanto à desvalorização das imagens por perspectivas teóricas

que enfatizam a consciência racional, em detrimento do aspecto da realidade que não pode ser explicado ou compreendido exclusivamente pela razão, como o inconsciente, a imaginação, a fantasia, os mitos e a subjetividade.

Podem-se compreender as imagens simbólicas como fazendo parte do imaginário, o qual, por sua vez, é concebido como o acervo de imagens da humanidade, mais especificamente como: “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens.

A formação de grupos e a organização social são características herdadas de nossos ancestrais, alinhadas com os conceitos de Jung e Durand, que apontam para o inconsciente coletivo. Mas então, por que a humanidade cria grupos sociais tão variados e distintos? Apesar de, culturas diferentes, todas elas compartilham o inconsciente coletivo. Os arquétipos são universais, mas cada cultura pode expressá-los de maneiras únicas, com símbolos e mitos próprios. O arquétipo do herói, aparece em diversas culturas, mas as histórias e as figuras heroicas variam de acordo com o contexto cultural. O arquétipo da grande mãe também aparece em diversas culturas, mas com histórias diferentes, como por exemplo a representação arquetípica de Iemanjá para os povos africanos ou a representação arquetípica de Edna para os Esquimós. É interessante esclarecer que, na prática da psicologia analítica, fazemos associações com as narrativas mitológicas porque elas representam aspectos do inconsciente coletivo. A razão disso é porque os arquétipos pertencem a ele, enquanto as imagens arquetípicas ao inconsciente pessoal, assim como os complexos possuem uma casca que é pessoal e um núcleo que é coletivo.

Durand (2004) também confere um lugar privilegiado para o mito, definido como resultante da combinação entre imagem e símbolo, destacando a importância vital dos mitos, os quais transmitem verdades importantes para a sociedade em narrativas repletas de simbolismo. Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias. (DURAND, 2002, p.62-63).

Para Jung (2014), padrões simbólicos, mitos e temas recorrentes estão presentes em todas as culturas, destacando que a linguagem é um fator que desempenha um papel importante na expressão e comunicação desses elementos do inconsciente coletivo, à medida que mitos e símbolos são transmitidos através das gerações por meio de narrativas, rituais e outras formas de expressão linguísticas.

Os complexos culturais, no contexto da teoria de Carl Gustav Jung, referem-se a padrões de crenças, emoções e comportamentos profundamente arraigados, compartilhados por um grupo e organizados em torno de um núcleo arquetípico. Esses complexos operam tanto no nível consciente quanto no inconsciente, influenciando a forma como os indivíduos percebem e interagem com o mundo.

### **A Cultura Da Inconsciência**

A socialização primária dos indivíduos em uma sociedade, ocorre principalmente durante sua infância e tem a família como principal agente socializador. É nessa fase que a criança aprende a linguagem, as relações sociais iniciais e os fundamentos para a convivência em seu grupo social.

Jacques Lacan, psicanalista francês, em sua teoria denominada de “Estágio do Espelho”, descreve um momento crucial no desenvolvimento da criança, entre os 6 e 18 meses de idade, onde ela se reconhece numa imagem, seja ela refletida num espelho ou em outra pessoa. Este reconhecimento inicial, embora ilusório, é fundamental para a formação do "eu" e a entrada do sujeito no mundo simbólico. Jacques Lacan definiu o Real, o Simbólico e o Imaginário como três registros que estruturam a experiência humana e a constituição do sujeito. O Real refere-se ao que é impossível de ser simbolizado, o que escapa à linguagem e à representação. O Simbólico é a ordem da linguagem, da lei e da cultura, onde o sujeito se insere através da linguagem e das relações com o Outro. O Imaginário diz respeito à dimensão da imagem, da identificação especular e das relações duais, muitas vezes ligadas à fantasia e à ilusão. Fica evidente, que Lacan refere-se a ação de um inconsciente pessoal. O inconsciente coletivo é estruturado pelos arquétipos, ou seja, por disposições hereditárias para reagir. Esses arquétipos se expressam em imagens simbólicas coletivas, o símbolo sendo a explicitação da estrutura do arquétipo.

O arquétipo, entendido como algo inato e transmitido hereditariamente, é uma concepção que o próprio Jung ajustou ao enfatizar que o que se herda é, na verdade, a capacidade potencial para manifestá-lo. Dentro dessa predisposição estão inseridos simbolismos que abrangem uma ampla variedade de significados, os quais podem variar de acordo com contextos culturais e experiências individuais. Estas significações podem ser: a) congênitas; b) simplesmente infantis. Tais hipóteses nos remetem a pensar que: ou há uma tendência inconsciente inata e comum a todos os homens, que inspira as

representações ancestrais na criança ou uma simples representação por imagens devida à assimilação simbólica que caracteriza o pensamento da criança.

Podemos entender que, a partir das definições de Jung, o inconsciente coletivo não é formado de maneira individual, mas sim transmitido de forma hereditária. Ele é composto por formas já existentes, os arquétipos, que apenas de maneira secundária podem se tornar conscientes. Jung (2014), em suas obras, menciona que os arquétipos permeiam todas as situações rotineiras da vida. Quando ocorre algo em nossa existência que corresponde a um arquétipo, este é ativado e desencadeia uma compulsão que se manifesta como uma reação instintiva, contrariando a razão e a vontade, ou ainda gerando um conflito que pode alcançar proporções potencialmente patológicas, segundo Jung.

Os símbolos arquetípicos podem ser entendidos como princípios universais que moldam nossa maneira de pensar desde os primeiros anos de vida, configurando o que pode ser chamado de uma hereditariedade misteriosa. Segundo Jung (2014), a essência do pensamento simbólico está associada a uma cognição primitiva, profundamente enraizada e livre de censuras ou repressões culturais. Contudo, para uma compreensão mais profunda desse fenômeno, é essencial retornar às origens da humanidade, um ponto que encontra seu reflexo em menor escala no desenvolvimento infantil.

### **O inconsciente Cultural**

Joseph Lewis Henderson, um médico americano e psicólogo junguiano, em seu livro (1984) "*Cultural attitudes in psychological perspective.*" desenvolveu um importante estudo em direção ao reconhecimento da determinação cultural no campo psicológico, desenvolvendo o conceito de "inconsciente cultural". Numa representação topográfica, estaria situado entre o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal. Esse conceito assinala que, muito daquilo que Jung considerava pessoal, hoje é percebido como culturalmente condicionado e acrescenta que, igualmente, há que se reconhecer que muito do que era considerado coletivo é também culturalmente condicionado. A cultura é assim resgatada, considerando-se sua influência tanto sobre os conteúdos mais subjetivos, quanto sobre aqueles compartilhados no campo social.

O conceito de "inconsciente cultural" refere-se aos padrões de pensamento, comportamento e crenças que são transmitidos de geração em geração dentro de uma cultura, sem que sejam conscientemente aprendidos. É uma camada profunda da cultura que influencia a maneira como os indivíduos percebem o mundo e interagem com ele.

O inconsciente cultural é um conceito abordado tanto pela antropologia quanto pela psicologia, referindo-se aos padrões de pensamento, comportamento e crenças transmitidos ao longo de gerações em uma cultura específica. Ele representa uma parte do nosso entendimento e identidade que não é adquirida de forma consciente, mas absorvida gradualmente por meio da socialização e do contato cotidiano com outros membros da sociedade. Trata-se de uma dimensão profunda da cultura que molda a forma como os indivíduos enxergam o mundo e se relacionam com ele.

Em sociedades cada vez mais controladoras, é preciso, então, manipular a vontade coletiva a fim de criar o desejo irreprimível de renovação constante, a despeito de fatores como utilidade, precisão e possibilidade.

Durante alguns anos, atuei no mercado de publicidade e propaganda, e foi possível perceber a publicidade como um elemento que desencadeia as compulsões presentes no inconsciente coletivo, levando pessoas a se entregarem, sem pensar, ao consumo excessivo do que é oferecido no mercado. O uso de “imagens subliminar” na propaganda, visa atingir o inconsciente pessoal e assim estimular os “arquetipos” de nosso inconsciente coletivo.

Dois conceitos tornam-se importante nesse processo: Iconografia e a iconologia. A iconografia é o estudo da identificação e descrição de temas e motivos representados em imagens. A iconologia, por outro lado, é a interpretação do significado dessas imagens, levando em consideração o contexto cultural e histórico.

A publicidade simulada é especialmente perniciosa, pois é clandestina, subliminar, manipula a opinião pública também conhecida como senso comum, incluindo as ideias amplamente aceitas pela maioria da população, com base em um padrão ético-moral que varia de acordo com a cultura, as condições sociais e, em alguns casos, as crenças religiosas de cada grupo.

Neste tipo de publicidade o caráter publicitário permanece oculto e não pode ser identificada pelo consumidor. Um exemplo dessa prática, na política, é a reconstrução do arquetipo do herói, quando todos os políticos são associados a figura arquetípica em sua luta pela justiça contra as forças do mal.

O senso comum também está relacionado ao domínio das crenças populares, e essas crenças contribuem para a formação dos imaginários sociais coletivos e estão muitas vezes vinculadas a interpretações sobre práticas e ações do dia a dia. O senso comum bem como o inconsciente pessoal, desempenham um papel na maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. No entanto, o senso comum é algo

compartilhado por um determinado grupo social, o inconsciente pessoal é exclusivo de cada indivíduo.

Gilbert Durand em seus estudos sobre o Imaginário, entendeu que o simbolismo tem referência em “sistemas simbólicos” - o simbolismo religioso, político, e outros – os sistemas simbólicos não são independentes, pois decorrem de uma visão de mundo específica, imaginária, que é a própria cultura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando buscamos uma definição do que é cultura de uma sociedade, encontramos algumas definições como ao que se refere a um conjunto de práticas, crenças e comportamentos compartilhados por um grupo, transmitido de geração a geração. Ela é diversa, adaptável, simbólica e integrada, com seus elementos interligados e mudando conforme influências externas. Ela é fundamental para a identidade coletiva e individual de um grupo e define como os membros desse grupo interpretam o mundo ao seu redor e interagem com ele, influenciada por fatores históricos, geográficos e sociais.

A memória pode ser compreendida como o mecanismo pelo qual retemos e recuperamos informações adquiridas e experiências vivenciadas ao longo de nossa trajetória de vida. Essas recordações, por sua vez, não apenas moldam nossa identidade, mas também contribuem para a construção de nosso imaginário, influenciando a maneira como interpretamos o mundo ao nosso redor. Para Carl Gustav Jung, a memória desempenhava um papel essencial na psique, fornecendo material valioso tanto para o inconsciente pessoal, que é composto pelas vivências individuais, como para o inconsciente coletivo, uma dimensão profunda compartilhada por toda a humanidade e formada por arquétipos universais e experiências comuns acumuladas ao longo do tempo.

Então, aquilo que definimos como realidade, nada mais do que a representação simbólica de nossa cultura assimilada pelos “nossos inconscientes”, e lembradas de tempo em tempo por nossa memória?

Os mitos são compartilhados através de histórias, rituais e diversas formas de expressão linguística. Na psicologia de Carl Jung, há uma forte ligação entre mitos e arquétipos, sendo os mitos narrativas simbólicas que ilustram arquétipos, isto é, padrões universais presentes no inconsciente coletivo humano. Apesar de sua riqueza cultural e simbólica, os mitos têm o potencial de perpetuar ideias prejudiciais ou restringir o pensamento crítico. Eles podem originar crenças irracionais, reforçar desigualdades e

dificultar transformações sociais ao interagirem com os estereótipos arraigados em nosso inconsciente individual.

É importante ressaltar que memória e imaginário pertencem a diferentes dimensões subjetivas: a memória está relacionada a fatos vividos e informações adquiridas, enquanto o imaginário está ligado à capacidade de criar imagens mentais e representações simbólicas, e ambas, memória e imaginário, são processos subjetivos e fazem parte na construção de nossa identidade e compreensão do mundo ao nosso redor.

O trajeto antropológico do imaginário, na perspectiva de Gilbert Durand, refere-se ao percurso dinâmico e construtivo da imaginação humana. Imagens e símbolos se organizam em estruturas figurativas, influenciadas por fatores inatos, culturais e sociais. É um conceito central na Antropologia do Imaginário, que busca entender como o ser humano cria e utiliza imagens para lidar com a realidade e suas angústias.

Uma cultura pode perceber o universo como cheio de divisões e oposições e outra cultura pode percebê-lo como unido e harmonioso. Nesse sentido, a ideia não é classificar, mas perceber qual a polarização predominante, o tipo de dinamismo, ou seja, o seu trajeto antropológico.

Gilbert Durand procurou estabelecer uma relação de imagens colhidas em culturas diversas, partindo da ideia de um trajeto antropológico, observando a maneira própria para cada cultura de estabelecer a relação entre sensibilidade e o meio em que vive.

O trajeto antropológico parte do culturalmente construído como natural psicológico, buscando o essencial da representação e do símbolo constante nas duas dimensões, reagrupando-as em dois regimes : o diurno e o noturno.

As investigações sobre o imaginário, nas perspectivas de Durand e Jung, observam a humanidade em sua diversidade ao invés de considerá-la uma única entidade. Isso implica reconhecer o ser humano como portador de inúmeras facetas, camadas e dimensões. Estamos nos referindo ao homo sapiens, que assume diversas formas. Desde os tempos mais remotos, quando o homo sapiens iniciou suas primeiras tentativas de comunicação por meio de formas rudimentares e simbólicas de escrita, já revelava uma forte tendência a manifestar o seu mundo interior e imaginativo. Apesar de séculos de evolução e mudanças que nos levaram até a complexa era tecnológica em que vivemos hoje, continuamos ligados à nossa essência mais primitiva. Essa ligação se estende ao âmbito simbólico, uma das marcas mais profundas e definidoras da nossa existência como espécie. Como bem colocou Cassirer (1945), continuamos a ser o animal simbólico, carregando em nós tanto a complexidade de nossos avanços quanto os traços

mais atávicos que moldam nossa forma de compreender e interpretar o mundo ao nosso redor.

A diversidade cultural presente em nosso mundo globalizado dá origem a um localismo marcado por tradições que nos remetem à identidade, ao senso de pertencimento e a uma comunhão simbólica. Dessa forma, torna-se evidente a importância de compreender plenamente a diversidade étnica que coexiste em um espaço simbólico compartilhado.

A cultura e o inconsciente estão intrinsecamente ligados, moldando a maneira como os indivíduos pensam, sentem e se comportam dentro de uma sociedade.

Embora imersos em uma alta tecnologia, somos “respingos” de um fundo arcaico desse homo sapiens, hoje altamente sofisticado. É o que Durand vai refletir sobre o humano ocidental moderno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURAND, Gilbert. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1988.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitodologia. Mitos e sociedades. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n. 23, abril 2004, pp. 07-22.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. 3 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HENDERSON, J. (1984). *Cultural attitudes in psychological perspective*. Toronto: Inner City Books.

JUNG, C. G. Psicologia do Inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, CARL GUSTAV, 1875-1961. O eu e o inconsciente; tradução de Dora Ferreira da Silva. – Petrópolis, Vozes, 2014.

LACAN, Jacques. O Simbólico, o Imaginário e o Real. Nomes-do-Pai. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JOLANDI, Jacobi. Complexo, arquétipo e símbolo na concepção de C. G.Jung. São Paulo: Cultrix, s/d.